

Nostalgia e admiração

O público é uma das marcas registadas do Festival de Almada. O público que se reúne na Esplanada da Escola D. António da Costa para jantar, ouvir música e conversar, enquanto espera que o espectáculo tenha lugar no Palco Grande. Este público inteligente, educado e fiel constitui um organismo vivo, que tem a sua própria natureza. Até hoje nenhum dos jornalistas ou críticos estrangeiros que visitam habitualmente o Festival conseguiu evitar, além de comentar os espectáculos, descrever com espanto a energia que se sente na assistência de uma plateia que demonstra ser um colectivo cultural poderoso e interessado.

Nestes dias, imerso numa pandemia que nos obriga ao distanciamento físico, tenho a nostalgia desses momentos em que ficámos juntos, mesmo apertados, formando uma *persona* social dentro do Festival proposto pela Companhia de Teatro de Almada. No entanto, tenho de expressar a minha consideração por esse público que, mesmo não podendo comparecer, esgotou todas as assinaturas e bilhetes à venda; é uma admiração quase religiosa e que é complementada pela minha admiração pela Companhia de Teatro de Almada, que não quis desistir deste evento teatral. Fez cálculos, distanciou os espectadores, aumentou o número de récitas, e convidou companhias portuguesas de excelente qualidade.

O Festival de Almada 2020 constitui uma nova realidade. Sinto uma grande nostalgia pelo que o Festival não pode ser este ano e, ao mesmo tempo, uma grande admiração pelo que é.

Manuel Sesma Sanz
Jornalista
e crítico de teatro

WORKSHOP O SENTIDO DOS MESTRES

O corpo como linguagem comum entre o teatro e a dança

No *workshop* deste ano, Madalena Victorino pretendeu “fazer os mestres cair ao chão, fazê-los estar conosco, na terra”. Considera-se uma “passa-palavra” das suas sabedorias, mas reconhece a sua experiência, moldada por um percurso longo e um vasto conhecimento da “relação entre a arte e a sociedade” que é, no fundo, o seu campo de trabalho. “Penso que foi nesse sentido que me convidaram. Pensaram também que eu talvez fosse uma especialista desta área da arte participativa, da comunhão entre as pessoas comuns, as artes e o processo criativo – e eu acho que sou, porque fiz muitos projectos e estou empenhada nessa ideia há muito tempo. Isso faz de mim uma pessoa experiente, mas não quer dizer que eu seja um mestre, porque parece-me uma palavra muito carregada. Eu esqueço-me que tenho 63 anos, que tenho um longo caminho feito. Continuo a ver-me como uma rapariga que quer levantar-se de manhã e começar a trabalhar”.

Para Madalena, este *workshop* é “uma sequência de vida, no formato de *zigzague*, em que vamos viajando por territórios e tempos diferentes, para encontrar sempre a mesma questão: como é que as artes são uma arma de fogo quando estão nas mãos das pessoas que as compreendem e que, de alguma forma, integram a ideia de que as artes são, como todos os outros saberes, algo muito



Madalena Victorino

forte que pode, de facto, contribuir para uma mudança”. Assim, a mestre deste ano tem partilhado os ensinamentos e o legado das pessoas que a ajudaram a fortificar essa ideia – os seus próprios mestres: Rudolf Laban, Merce Cunningham, Martha Graham, Isadora Duncan, Trisha Brown, Steve Paxton, Pina Bausch ou Ohad Naharin são apenas alguns dos bailarinos e coreógrafos que compõem o “jogo de histórias de vida, contextos sociológicos, históricos e culturais” que revolucionaram a dança.

“Está a correr muito bem. Tenho muita vontade de comunicar, partilhar, oferecer”. Nesta formação de cinco dias que hoje se conclui, a coreógrafa tem tentado “indicar as portas de entrada para as pessoas irem mais longe, se quiserem”. Tem pena de não poder pôr este grupo “a dançar a valer”, através de uma abordagem mais prática, num

exercício de “diálogo do corpo” com aprendizagens teóricas, mas sabe que tem essa “arma de fogo” nas suas mãos.

“Sou uma especialista dos corpos não profissionais em dança. A ideia aqui era ver também o que podemos passar da dança para o campo teatral. A mim parece-me que há muitas coisas: o corpo é tão importante no teatro como na dança, mas de formas diferentes. E, por vezes, essas formas cruzam-se, fundem-se, dialogam ou confrontam-se. Aqui, o desafio é ver o que as pessoas podem retirar deste curso, que está centrado na temática da dança e do corpo como ferramenta de trabalho”, enquanto linguagem comum ao teatro e à *performance* “que possa extravasar a ideia formal da dança, que eu estou, todos os dias e a toda a hora, a desconstruir”.

Sofia Pancada com S.A.

O poder inquietante do teatro

Para esclarecer todas as curiosidades sobre a estreia do cineasta João Botelho como encenador, tivemos o prazer de o receber ontem, em mais um Colóquio na Esplanada, para falar sobre o espectáculo *A criada Zerlina*, que encenou a partir de Hermann Broch. Modelou a conversa Emília Costa, que começou por perguntar aquilo que todos queríamos saber: quais foram os desafios e possíveis vantagens da linha que separa o realizador do encenador.

João Botelho começou por dizer que é “acusado há muitos anos de trazer o teatro para o cinema”. Destacou o desafio do teatro ser “um plano geral, sempre aberto”, ao contrário da Sétima Arte. Contudo, está certo de que “no teatro, quem manda é o texto – a palavra que nos conduz é uma coisa maravilhosa”.

“Há um desprezo pelo pensamento. Ninguém ouve nada, ninguém vê nada. Já não temos tempo de pensar e de estar –



João Botelho e Emília Costa

© Luana Santos

mas no teatro isso ainda existe”, rematou Botelho, numa reflexão sobre o poder inquietante do teatro e, em particular, deste texto de Broch. **S.P.**

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

15:00, 18:00 e 21:30

O criado

Incrível Almadense

16:00

Mártir

Sala Experimental TMJB

18:00

A criada Zerlina

Fórum Romeu Correia

21:00

Turismo

Sala Principal TMJB

21:30

Rebota rebota y en tu cara explota

Academia Almadense

TIAGO CORREIA, ENCENADOR DE *TURISMO*

Turismo: novas leituras pós-pandemia

Turismo não é o espectáculo documental que a temática sugere. Na sua essência, é uma peça sobre os múltiplos indivíduos, das diferentes camadas sociais, que são apanhados na teia da gentrificação e do turismo massificado que descaracterizam os espaços onde vivemos. “O turismo acaba por ser apenas o pano de fundo – é o *background* apocalíptico em que estas pessoas vivem”, diz Tiago Correia. O encenador procurou sempre ver este tema “através dos olhos dos habitantes das cidades”, apesar de se colocar na pele de todas as personagens, desde a jovem actriz sem dinheiro para pagar a renda ao investidor sem escrúpulos.



Tiago Correia

© Luana Santos

O encenador desenvolveu um trabalho de pesquisa que lhe permitiu confrontar realidades diversas, de cidades afectadas de formas distintas por este fenómeno – o que lhe permitiu chegar a uma geografia plural, que se materializa num espaço inventado, inspirado em cidades reais (de Norte a Sul, de Lisboa e Porto a Loulé), mas reflectindo-se

numa só cidade que representa, no fundo, todas as que se vêm afectadas pelo crescimento descontrolado do turismo.

Estreada em Janeiro de 2020, num momento pré-pandemia, esta peça retratou uma das questões mais marcantes dos nossos dias. Mas agora, por força de um vírus com repercussões mundiais inesperadas, o espectáculo ganha novas leituras. A pandemia foi um verdadeiro “balde de água fria” sobre o sector turístico, limpando a fachada que ocultava a sua precariedade. Sem turistas, esta actividade revelou-se totalmente insustentável. “A leitura da peça é agora diferente. Por um lado, parece que o espectá-

culo se transformou numa peça de época, que marca um período da História. Por outro, acredito que continua a ter toda a pertinência. Isto parece-me só uma fase – a economia quer continuar, a gentrificação continua... Aquilo que Portugal quer é que o turismo regresse rapidamente, para que a catástrofe económica não seja tão grande”.

Para o encenador, a estreia de *A Turma* no Festival de Almada é “talvez um dos melhores momentos da Companhia”. Sente um misto de orgulho e gratidão por terem o privilégio de apresentar esta peça “a um público experiente, que conhece o teatro”. **Sofia Pancada**

Espectáculo de Honra: todos a votos. Traga a sua caneta!

Este ano, excepcionalmente, todos os espectáculos incluídos na programação do Festival irão a votos para a eleição

do Espectáculo de Honra do ano que vem. A votação decorrerá no último dia do Festival de Almada, à entrada para os espectáculos da

tarde e da noite. A peça vencedora será anunciada após o espectáculo Turismo, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite.

FICHA TÉCNICA

Direcção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição), Rodrigo Francisco e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos
2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Salada de feijão frade com atum
- Fusili com salsichas picantes e cogumelos

AMANHÃ

- Carapaus fritos com salada russa
- Frango à moda marroquina

